

O PAPEL DA MALETA DA ENFERMEIRA DE SAÚDE PÚBLICA NA FORMAÇÃO DAS ESTUDANTES DE ENFERMAGEM PORTUGUESAS NO SEGUNDO E TERCEIRO QUARTEL DO SÉC. XX

ID 215

Óscar FERREIRA

Helga RAFAEL

Cristina Lavareda BAIXINHO

Isabel Ferraz PEREIRA

Viriato MOREIRA

Escola Superior de Enfermagem de Lisboa / UI&DE

oferreira@esel.pt; hrafael@esel.pt; crbaixinho@esel.pt; ipereira@esel.pt; viriato.moreira@esel.pt

Resumo: Objetivos: Compreender a importância da maleta da enfermeira de saúde pública na formação das enfermeiras portuguesa no segundo e terceiro quartel do século XX. Clarificar as funções da maleta na formação em enfermagem de saúde pública.

Enquadramento teórico: O ensino da enfermagem de saúde pública em Portugal teve início na década de 1940 na Escola Técnica de Enfermeiras. Posteriormente, em 1967, foi criada a Escola de Enfermagem de Saúde Pública para formação de especialistas nesta área profissional. Uma das atividades privilegiadas destas enfermeiras era a visita domiciliar. Nesse sentido o seu uniforme era complementado com uma maleta contendo os instrumentos necessários ao exercício profissional. Tal objeto tinha a finalidade de facilitar o transporte do material; impedir a sua contaminação e simplificar a prestação de cuidado no domicílio.

Nas escolas de enfermagem as estudantes aprendiam a utilizar a maleta, a mantê-la funcional e a dotá-la do material necessário aos cuidados.

Metodologia: Recorremos ao acervo material das quatro ex-escolas públicas de enfermagem da capital portuguesa, à guarda da Escola Superior de Enfermagem de Lisboa, nomeadamente ao arquivo fotográfico, documental e museológico da época em estudo, tentando obter respostas para as seguintes questões: Qual a importância atribuída à maleta na formação das estudantes de saúde pública? Quais as funções da maleta na formação das enfermeiras? De que material era confeccionada? Como se encontrava organizada? Que material transportava e porquê?

Resultados e conclusões: A maleta da enfermeira de saúde pública era confeccionada com material resistente e transportava o equipamento necessário ao exercício da atividade profissional. Tal objeto era muito importante para a estudante de enfermagem de saúde pública dado que, para além das suas funções e concomitantemente com o uniforme, contribuía para a formação da identidade profissional. Paralelamente transmitia profissionalismo, dignificava quem a transportava e promovia a imagem de uma cuidadora profissional responsável e competente.

Palavras-chave: História da Enfermagem; Enfermagem de Saúde Pública; Ensino da Enfermagem; Materialidade escolar.

INTRODUÇÃO

A Etiópia é um país africano, segundo Francisco (2019), com mais de 82 milhões de habitantes o qual em 2010 tinha o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) dos menores do mundo: 0,328, sofrendo metade dos etíopes de subnutrição crônica. Segundo este geógrafo a taxa de mortalidade infantil é bastante elevada (77 óbitos a cada mil nados vivos em 2010) e a taxa de analfabetismo rondava 64%.

As notas de aula para estudantes de enfermagem de saúde pública deste país, publicado em 2006 pela Universidade de Gondar e cujos autores são Daniel Mengistu e Equinet Misganaw, dedica três das suas últimas páginas à mala de enfermagem de saúde comunitária o que atesta bem da importância deste equipamento das enfermeiras de saúde pública especialmente preparado para o transporte higiénico e organizado do material necessário à atividade profissional no domicílio.

A mala ou maleta de enfermagem de saúde pública é também conhecida como mala de saúde, mala de saúde pública, mala médica, mala de visitação, mala de abastecimento. Segundo McGoldrick (2014), este é um artefacto que tem mudado com o passar dos anos, desde a maleta de enfermagem em couro preto, que as enfermeiras da Henry Street Settlement levavam na mão quando faziam visitas domiciliárias (Fig. nº 1), até hoje, em que por vezes se utiliza uma bolsa multicompartimentada.

Segundo Mengistu e Misganaw (2006) e Abrams (2009) esta mala tinha como propósito permitir a prestação de cuidados de enfermagem domiciliários de forma eficaz, propiciando o material necessário às diferentes intervenções tanto a doentes quanto a pessoas saudáveis como a mulher em trabalho de parto, enquanto reduzia a possibilidade de propagação de infeções. Possibilitava também as demonstrações de práticas de vida saudáveis e a realização de ações de promoção de saúde e prevenção da doença como a vacinação.



Figura 1: Enfermeiras da Henry Street Settlement com maleta para visitação domiciliária (Keeling, 2007, p.10).

Paralelamente a mala de saúde pública era uma fonte de orgulho profissional (Abrams, 2009) identificando a enfermeira em visita domiciliária, já que era parte do uniforme.

Em Portugal o ensino da enfermagem de saúde pública teve início na década de 1940 na Escola Técnica de Enfermeiras (Ferreira, 2012). Posteriormente, em 1967, foi criada a Escola de Enfermagem de Saúde Pública para formação de especialistas nesta área profissional (Pacheco, 2005). Uma das atividades privilegiadas destas enfermeiras era a visitação domiciliar. Nesse sentido o seu uniforme era complementado com uma maleta contendo o material necessário ao exercício profissional (Deslandes, 2012). Tal objeto, segundo Nogueira e Fonseca (1977), tinha a finalidade de facilitar o transporte do material; impedir a sua contaminação e simplificar a prestação de cuidado no domicílio o que vai de encontro ao referido anteriormente por Mengistu e Misganaw (2006).

Foi em 1893 que uma jovem enfermeira norte-americana – Lillian Wald, formada pela New York Training School for Nurses e Mary Brewster abriram a Henry Street Settlement House apoiadas financeiramente pelo filantropo Jacob H. Schiff. Até 1944, quando as atividades de assistente social e de enfermagem foram separadas, o Henry Street Settlement dedicou-se a fornecer serviços sociais e a prestar cuidados de enfermagem nos domicílio a milhares de imigrantes nova-iorquinos. A partir de 1909 as visitas domiciliárias passaram a ser também dirigidas a famílias da classe média. Para essas visitas o material necessário à avaliação, tratamento e educação dos pacientes e famílias, era transportado em malas pretas (Keeling, 2007) as quais passaram a caracterizar as enfermeiras de saúde pública e complementavam o seu uniforme.

Estas malas terão sido apropriadas pelas escolas de enfermagem que formavam enfermeiras visitadoras e enfermeiras de saúde pública, tendo as estudantes de enfermagem passado a aprender a utilizar este objeto, a

mantê-lo funcional, organizado e a dotá-la do material necessário aos cuidados de enfermagem que iriam treinar no domicílio junto das pessoas e famílias ao seu cuidado.

Para este trabalho estabelecemos os seguintes objetivos: compreender a importância da maleta da enfermeira de saúde pública na formação das enfermeiras portuguesa no segundo e terceiro quartel do século XX e clarificar as suas funções na formação em enfermagem de saúde pública. Temos ainda como desiderato responder às seguintes questões: Qual a importância atribuída à maleta na formação das estudantes de enfermagem de saúde pública? Quais as funções da maleta na formação das enfermeiras? De que material era confeccionada? Como se encontrava organizada? Que material transportava e porquê?

METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa recorremos ao acervo material das quatro ex-escolas públicas de enfermagem da capital portuguesa, à guarda da Escola Superior de Enfermagem de Lisboa (ESEL), nomeadamente ao acervo fotográfico, documental e museológico da época em estudo, a qual se encontra compreendido no arco temporal de 1940 a 1974, os quais identificámos, fotografámos e analisámos. Recorremos ainda a documentação à guarda do Arquivo Histórico da Associação Nacional de História de Enfermagem (ANHE) e a filmes norte-americanos e portugueses sobre a profissão e ensino da enfermagem. Por fim socorremo-nos de autores como Nogueira & Fonseca (1997), Ferreira (2012) e Deslandes (2012), entre outros, para a interpretação dos resultados obtidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um filme norte norte-americano de 1942, com a duração de 10:32 minutos e argumento de Twogood, intitulado *Nursing* e que se destinava a divulgar a profissão de enfermagem e os estudos necessários para se obter o diploma de enfermeira é bastante revelador, da forte influência inicial do sistema de formação em Enfermagem norte-americano na Escola Técnica de Enfermeiras criada em Lisboa em 1940, através da Fundação Rockefeller, por meio das suas consultoras, Elizabeth Crowell e Ruth Taylor, e da sua bolsreira, Angélica Lima Basto (Ferreira, 2012). As características da escola apresentada neste filme parecem ser muito semelhantes às da Escola Técnica de Enfermeiras que se propunha formar pela primeira vez, no nosso país, enfermeiras polivalentes, isto é, capazes de exercer tanto enfermagem hospitalar como enfermagem de saúde pública.

No dito filme, entre os minutos 6:57 e os 7:20, é ilustrada uma visita domiciliária realizada por uma enfermeira de saúde pública. Nessa mesma visita é bem visível, ao centro da imagem, a maleta de enfermeira aberta sobre uma mesa (Fig. nº 2).



Figura 2: Visita domiciliária (Twogood, 1942, min: 7:14)

Também no filme norte-americano intitulado *The mental health* de 1953, dirigido por Dyke, está representada, entre os minutos 4:52 e 5:41, uma visita domiciliária realizada por uma enfermeira. Ao sair do carro junto à casa que a enfermeira vai visitar é bem visível a maleta que transporta no braço (Fig. nº 3).



Figura 3: Visita domiciliária (Dyke, 1953, min: 4:57).

Cerca de vinte anos mais tarde em 1970 / 1972 o Ministério da Educação Nacional produziu um filme intitulado *Escola Técnica de Enfermeiras*, através do qual se pretende divulgar esta instituição de ensino de enfermagem, o qual ao minuto 1:18, mostra uma estudante de enfermagem e uma enfermeira de saúde pública a acompanhar um doente que chega a casa, na qual é bem visível a maleta que levavam consigo (Fig. nº 4).



Figura 4: Visita domiciliária (Ministério da Educação Nacional, 1970, min: 1:18)

De 1944, encontramos uma foto (Fig. nº 5) que Beatriz de Mello Corrêa (2002), uma das diretoras que mais tempo esteve à frente desta escola, designa de “Rumo a um novo dia de trabalho em 1944” (p.152), onde é visível uma estudante de enfermagem de saúde pública com a respetiva maleta a qual fazia parte do uniforme. Era “a *“mala de visitação” em couro azul escuro, cujo recheio, além do habitual era acrescentado de acordo com as finalidades das visitas a fazer no dia respetivo. De regresso, a mala era arranjada e deixada em condições de poder ser reequipada*” Corrêa (2002, p.154).



Figura 5: “Rumo a um novo dia de trabalho em 1944 (Corrêa, 2002, p.152)

Do primeiro grupo de onze estudantes da Escola Técnica de Enfermeiras (1940-1943), fazia parte Ângela Maria Saraiva (Ferreira, 2012). A família desta enfermeira, através do seu filho residente no Brasil, ofereceu à Associação Nacional de História de Enfermagem sete pastas com os apontamentos escolares da sua mãe quando esta frequentou a Escola. Numa dessas pastas encontram-se os conteúdos referentes à “Obstetrícia; Socorros de Urgência; Psicologia; Nutrição e Dietética; Serviço Social e Enfermagem de Saúde Pública” (Almeida, 1941 a 1943).

Num total de vinte e seis folhas referentes às aulas de Enfermagem de Saúde Pública, encontramos duas intituladas “Normas a seguir no uso da mala nas visitas domiciliárias” (Almeida, 1943). Da sua leitura depreendemos que o manuseio da mala e do material aí acondicionado implicava o uso de técnica asséptica médica. O interior era considerado uma área “limpa”. Assim todo o equipamento usado na prestação de cuidados no domicílio necessitava de ser limpo ou esterilizado antes de voltar a ser devolvido à mala para reutilização (Abrams, 2009).

A utilização de uma boa técnica não se limitava aos cuidados a ter com a manipulação da mala e do seu conteúdo. Implicava a adoção de padrões de conduta em relação à visita domiciliária. Durante a mesma a mala nunca deveria ser colocada no chão. Antes sobre uma cadeira ou noutro local de fácil acesso (Abrams, 2009).

De acordo com Almeida (1943), no compartimento externo existia papel o qual deveria, nos domicílios, ser retirado e aberto, para sobre ele se colocar a maleta e evitar que esta pudesse ser conspurcada externamente. Assim se impedia a contaminação exterior da mala e prevenia a possibilidade de posteriores transmissões de infeções através dela.

Dentro da mala existia um saco de papel para sujos, folhas de papel para higiene das mãos, frasco de sabão e de álcool a utilizar quando a habitação não tinha água, avental para colocar após a lavagem das mãos e antes do início dos cuidados.

A higiene das mãos era um momento fundamental antes da enfermeira tocar na pessoa alvo dos cuidados ou no interior da maleta, também antes de repor o saco com material esterilizado ou limpo e depois da prestação de cuidados (Abrams, 2009), de forma a evitar a transmissão de infeções.

De acordo com a norma encontrada nos apontamentos de Almeida (1943), a mala continha ainda um termómetro dentro de uma caixa, algodão, vaselina e um abaixador de língua. As estudantes eram ensinadas a utilizar todo esse material e a desinfetar o termómetro antes de o voltar a arrumar, o que era algo complexo, conforme se depreende pela leitura da técnica no seu ponto 14:

“(…)

14. Limpeza do termómetro:

- a) Arranjar 5 algodões pequenos e arranjá-los da seguinte maneira: com o 1 – algodão seco limpar o termómetro do cabo para a ponta, usando o movimento rotativo.
 - b) Ler a temperatura
 - c) Limpar o termómetro com o algodão n-2 previamente embebido em sabão; usar na limpeza a maneira acima indicada
 - d) Limpar o termómetro com o algodão n-3 previamente embebido em água; usar na limpeza a maneira acima indicada
 - e) Da mesma maneira limpar o termómetro com o algodão n-4, seco
 - f) Enrolar o termómetro (da ponta até ao meio) no algodão n-5 previamente embebido em álcool
 - g) Limpar o termómetro sempre sobre o saco de papel e deitar para este os algodões usados
- (…)” (Almeida, 1941 a 1943, Fl. 1).

Depois de terminada a visita havia também regras a seguir nomeadamente quanto à lavagem das mãos, remoção do avental, desinfeção das superfícies dos objetos utilizados e sua guarda dentro da mala. Por fim o que fazer ao saco de papel onde o material contaminado era depositado. Este deveria ser colocado em local próprio para sujos ou incinerado.

Para Aaltonen, Richards, Weber e Davis (2009), a mala da enfermeira de saúde pública foi uma ferramenta vital para a enfermagem de saúde pública desde o início dos anos de 1900. Para estes autores a mala continha o material indispensável à realização de uma visita domiciliária. Isto incluía material necessário à resolução de uma situação inesperada. Paralelamente possibilitava o acesso imediato a produtos que permitiam impedir a propagação de infeções, como por exemplo para a lavagem de mãos e como barreira de proteção – o avental. Para estes autores e paralelamente ao longo da sua história a mala permitia reconhecer a enfermeira de saúde pública pois era associada ao seu uniforme.

No desenvolvimento do nosso estudo constatámos a existência de uma multiplicidade de modelos de malas no espólio da ESEL. Ao todo oito (8) (Fig. nº 6), o que nos surpreendeu. Todas elas confeccionadas de material resistente. E se as primeiras sete (7) são malas de média dimensão e similares às utilizadas pelas enfermeiras da Henry Street Settlement para visitação domiciliária (Keeling, 2007, p.10), a oitava (8ª) é já uma mala de grandes dimensões, que transportava material para a realização de partos no domicílio: “Mala de Partos”.



Figura 6: Malas de visitação domiciliária do espólio da Escola Superior de Enfermagem de Lisboa (ESEL)

Acresce a este facto que deste modelo existem dois tipos: “Mala de Partos nº 1” e “Mala de partos nº 2”, em que a diferença existente está precisamente no seu conteúdo. Aliás, tal ocorrência está em consonância com Abrams (2009), que alerta para que as enfermeiras rurais da época deste estudo, por exemplo, usavam duas malas que combinavam com uma maleta de modo a terem um acréscimo de material à sua disposição sempre que necessário.

A mala 31 (Cf. Fig. nº 6), é uma mala de tiracolo em pele natural de cor castanho, de forma retangular. Possui dois compartimentos exteriores com aba e fecho. O interior é forrado e amplo. Tem uma alça do mesmo material e cor para ser usada a tiracolo.

A mala 43 é uma mala em tecido cartonado possível de ser transportada a tiracolo (Cf. Fig. nº 7), provavelmente da Escola de Enfermagem Pós-Básica de Lisboa (EEPBL) – Enfermagem de Saúde Pública. É composta por uma secção interior, fechando interiormente através de duas abas e exteriormente por uma outra aba que encerra a mala, sobrepondo-se para a parte lateral através de um fecho metálico. Do seu conteúdo fazem parte 1 frasco para líquido desinfetante ou detergente, uma escova de mãos, um garrote de borracha, duas espátulas e material esterilizado diverso para realização de pensos (Cf. Fig. 8).

Para além deste material Abrams (2009), no seu artigo sobre a maleta da enfermeira de saúde pública, identifica a existência de outro equipamento nas malas como: tesouras, pinças, agulhas e seringas, uma bandeja de metal, um copo, funil, tubos de borracha, toalhas, e um conta-gotas. Sabão líquido ou em pó, creme de barbear, álcool, vaselina, loção para as mãos. Cateteres vários, tubos de conexão retos e em forma de T ou Y, tesouras cirúrgicas de metal, tubos retais pediátricos e de adulto, caixas de material esterilizado e de material limpo, compressas e pensos, alfinetes de segurança, e fita métrica. Relógio, caneta, lápis, e papel para realização de registos entre outro.

A mala 44 (Cf. Fig. nº 6), é uma mala de mão em pele natural de cor azul, de base retangular, fechando através de uma aba arredondada com fecho metálico. O compartimento interior apresenta duas divisões. Tem duas alças do mesmo material e cor para trazer no braço. Trata-se possivelmente da mala utilizada na Escola Técnica de Enfermeiras e não na Escola de Enfermagem Calouste Gulbenkian conforme parece depreender-se da imagem, e isto tendo por base a descrição que dela fez Corrêa (2002).



Figura 7: Transporte da mala 43 para Visitação Domiciliária. (ANHE, 2015)



Figura 8: Conteúdo da mala 43. (ANHE, 2015)

O modelo de mala utilizado poderia ser determinado pelo tipo de serviço a ser prestado no domicílio e em função da situação clínica da pessoa que se pretendia cuidar, isto é, se puérpera, se doente ortopédico, se tuberculoso, se criança, se adulto ou velho. De acordo com Abrams (2009), um manual de enfermagem de saúde pública publicado nos finais dos anos trinta sugeria que o modelo de mala a ser utilizado dependeria da sua capacidade, facilidade de manuseamento e de acessibilidade ao seu conteúdo, durabilidade do material, facilidade na limpeza, peso, resistência, flexibilidade das alças e custo. Ao que parece a mala oblonga de couro preto, com a parte superior da aba presa por correias, terá sido, na primeira metade do século XX, uma escolha popular por causa da facilidade de uso, tanto para nela se embalar e arrumar o equipamento, como para se retirar esse mesmo material e utilizá-lo na prática clínica. Para além disso era fácil de arrumar e de higienizar.

Todas elas parecem ser atraentes. A atratividade e boa aparência deste objeto era importante para que nenhuma enfermeira dela se envergonhasse (Abrams, 2009).

Quanto à utilização da maleta pelos estudantes, ela possibilitava, decerto, que eles dispusessem de um utensílio onde, de forma organizada, poderiam encontrar o material necessário à prestação de cuidados de enfermagem no domicílio, enquanto praticavam o controlo de infeção, dado que as normas para o seu uso promoviam a lavagem higiénica das mãos e o controlo da transmissão de infeções pela limpeza e higienização/asepsia tanto da mala como do material que transportava.

CONCLUSÃO

A visita domiciliária era e ainda é a espinha dorsal da enfermagem em saúde comunitária. Nesse sentido a maleta, ou mala, que a enfermeira transportava nessas visitas para prestar cuidados ou fazer educação para a saúde, era um equipamento essencial e indispensável (Magar, 2012).

Foram muitos os modelos de maleta de enfermeira de saúde pública utilizados ao longo dos anos. Ela tinha a finalidade de facilitar o transporte de material; impedir a sua contaminação e simplificar a prestação de cuidado no domicílio.

Nas escolas de enfermagem as estudantes aprendiam a utilizá-la, a mantê-la funcional e a dotá-la do material necessário aos cuidados nos domicílios em perfeitas condições de higiene e assépsia.

A maleta da enfermeira de saúde pública era confeccionada com material resistente. Para além das suas funções e concomitantemente com o uniforme, contribuía também para a formação da identidade profissional.

Paralelamente transmitia profissionalismo, dignificava quem a transportava e promovia a imagem de uma cuidadora profissional responsável e competente.

Dada a multiplicidade de malas de Saúde Pública identificadas no património da ESEL importa aprofundar o seu estudo no intuito de saber exatamente de que material era confeccionada cada uma delas e como se encontravam organizadas pois percebemos que cada tipo de mala e a sua organização, dependia dos objetivos de ensino aprendizagem dos estudantes e da finalidade de cada visita domiciliária para os enfermeiros e alunos em estágio.

A utilização deste objeto icónico da enfermagem de saúde pública diminuiu com o passar do tempo, apesar das visitas domiciliárias continuarem a ser um componente clínico importante na maioria dos programas de enfermagem (Aaltonen, Richards, Weber e Davis, 2009). O decréscimo do uso deste equipamento relaciona-se, segundo estes autores, com o seu preço e com a falta de evidência científica que demonstre a sua utilidade no aperfeiçoamento da eficiência e eficácia da visita domiciliar e do seu papel no controlo da infeção associadas aos cuidados de saúde entre doentes no seu domicílio.

REFERÊNCIAS

- Aaltonen, P. M.; Richards, E.; Webster, K. & Davis, L. (2009). Use of the public health nursing bag in the academic setting. *Public Health Nurs.* 26(1): 88-94. Disponível em <https://docs.lib.purdue.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1010&context=nursingpubs>
- Abrams, S. E. (2009). The public health nursing bag as tool and symbol. *Public Health Nursing.* 26(1):106-109.
- Almeida, A. M. S. (27-07-1943). "Normas a seguir no uso da mala nas visitas domiciliárias". In Dossier "Obstetrícia; Socorros de Urgência; Psicologia; Nutrição e Dietética; Serviço Social e Enfermagem de Saúde Pública" (2 fls dact). Arquivo Histórico da ANHE.
- Associação Nacional de História de Enfermagem (2015). *Exposição "Era uma vez...O uniforme na enfermagem: seis décadas de história (Séc. XX)".* Lisboa: Escola Superior de Enfermagem de Lisboa – Polo Artur Ravara.
- Corrêa, B. M. (2002). *Imagens e memórias da Escola Técnica de Enfermeiras.* Lisboa: Ed. de Autor.
- Deslandes, A. K. M. (2012). *Cuidado e enfermeiras na revista da semana no âmbito da reforma sanitária.* Dissertação de Mestrado em Enfermagem. Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Alfredo Pinto.
- Dyke, W.V. (dir.). (1953). *Professional education series: The mental health (part 1 of 2), (.9:43 min.)* Pennsylvania: Department of Welfare, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qmSGqVcN0Ts&t=297s>
- Ferreira, Ó. M. R. (2012). *História da Escola Técnica de Enfermeiras (1940-1968): Aprender para ensinar e profissionalizar.* Tese de Doutoramento em Educação na Especialidade de História da Educação. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.
- Francisco, W.C. (2019). Etiópia. In *Mundo Educação: Países.* Goiânia: Rede Omnia. Disponível em <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/etiopia.htm>
- Keeling, A. W. (2007). *Nursing and privilege of prescription, 1893-2000.* Columbus: The Ohio State University Press.
- Magar, A. (2012). Opinions of nursing teachers on usage of community health bag. *Sinhgad e-Journal of Nursing,* 2(2): 30-32. Disponível em: www.sinhgad.edu/sinhgadnursingcollege.../Vol.../Author_8.pdf
- McGoldrick, M. (2014). Bag technique. Preventing and controlling infections in home care and hospice. *Home Healthcare Nurse.* 32(1): 39-45. Disponível em: <https://nursing.ceconnection.com/ovidfiles/00004045-201401000-00006.pdf>

Mengistu, D. & Misganaw, E. (2006). *Community Health Nursing*. Gondar: University of Gondar. Disponível em: https://www.cartercenter.org/resources/pdfs/health/ephti/library/lecture_notes/nursing_students/comm_hlth_nsg_final.pdf

Ministério da Educação Nacional (1970-1972). *Escola Técnica de Enfermeiras* (11 min.). Lisboa: IMAVE.

Pacheco, A.; Oliva, Â. S. & Lopes, A. (2005). *Escola Superior de Enfermagem de Maria Fernanda Resende: Memórias de um percurso*. Lisboa: Ensaius.

Twogood, (1942). *Your life works series: Nursing* (10:32 min.). United States of America: Holmes (Burton) Films, Inc.; Vocational Guidance Films, – [PA-LC], Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mj9EfoxO9rM&t=434s>